

O Low Profile e o deus da voz de trovão: uma análise do discurso sobre a ausência do discurso

Low Profile and the Thunder Voice God: an analysis of discourse on the absence of discourse

Daniel Perico Graciano¹

Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFSCar

dani_p.graciano@hotmail.com

RESUMO: Partimos da hipótese de que em tempos de exploração da mais-valia a partir do uso de redes sociais, o *low profile* pode representar uma forma de resistência por meio da limitação do compartilhamento de informações pessoais e redução da exposição na web. Isso porque, ao compartilharmos nossas informações pessoais nas redes sociais, estamos fornecendo dados para que sejam utilizados para fins de manutenção das relações de poder políticas e econômicas. Para mostrá-lo, este artigo faz uma análise de um enunciado do portal de notícias UOL, no qual há críticas à figura polêmica do low profile. Para realizar essa análise, valem-nos de alguns pressupostos análise do discurso materialista, ainda que os conceitos não apareçam de maneira explícita, com o intuito de democratizar este ensaio ao acesso de leitores não especializados.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Low profile; Resistência digital.

ABSTRACT: We start from the hypothesis that in times of exploitation of surplus value through the use of social networks, low profile can represent a form of resistance through the limitation of personal information sharing and reduction of exposure on the web. This is because, by sharing our personal information on social networks, we are providing data to be used for political and economic power relations. To demonstrate this, this essay analyzes a statement from the UOL news portal, in which there are criticisms of the controversial figure of low profile. To perform this analysis, we use some assumptions of materialist discourse analysis, although the concepts do not appear explicitly, in order to democratize this essay for non-specialized readers.

Keywords: Discourse Analysis; Low Profile; Digital Resistance.

¹ Doutorando em Linguística pelo PPGL-UFSCar.

O deus da voz de trovão

Dioniso, o belo, o visceral Dioniso – trágico e alegre. Não foi por submissão e tampouco por medo que ele se calou ante Penteu, o rei de Tebas. Dioniso se calou. Falar do seu silêncio é falar de um estranho senso de humor, de uma estranha potência de não-fazer, um querer-não-dizer-quem-se-é que não é um não, mas uma força que afirma a si mesma, que obedece apenas a seu próprio querer. Dioniso é o ícone do trágico, os sofrimentos da individuação são compensados pelo prazer de ser original, pelo prazer da diferença em si e manifesta em si². O deus da voz de trovão cala. Omite sua identidade. Tem a prudência da serpente, a astúcia de se mostrar no tempo exato do ataque.

As Bacantes foi escrita por Eurípedes, provavelmente no ano de 405 a.C.³, na Macedônia. No último ano da Guerra do Peloponeso, que deixara Atenas destruída pela invasão espartana. A peça reflete o golpe, na medida em que se centra no argumento de que uma religião estrangeira, asiática, começava a dominar a Grécia: a religião dionisíaca.

Eurípedes se atém no problema do não-saber: ninguém na cidade, com exceção de Tirésias, sabe quem é aquele “sedutor vindo da Lídia distante” (EURIPEDES, 2010, vv. 299) que “se mistura dia e noite à multidão” (EURIPEDES, 2010, vv. 304) de bacantes. O filho de Semele e Zeus visitava disfarçado o lugar em que se encontrava a sepultura de sua mãe, compelindo cada uma das mulheres tebanas a deixar seus lares e se entregarem a seus delírios (manía) e festividades orgiásticas. Tratava-se de uma terrível vingança contra a cidade:

De fato, as irmãs de minha querida mãe,
que em primeiro lugar deveriam poupar-me
de tal insulto, declararam que eu, Diôniso,
não sou filho do grande Zeus e que Semele,
ludibriada por um amante mortal
e mal aconselhada pelo próprio Cadmo,
havia atribuído seu pecado ao deus.
Em altos brados elas proclamavam que,
se Zeus a fulminou foi por castiga-la
por ter tido a ideia de vangloriar-se
de amores com um deus (EURIPEDES, 2010, vv. 39-40).

Por sua parte, Cadmo, enciumado, indignado com a presença do jovem estrangeiro, de “cabelos longos flutuando ao vento”, da “tez corada e os olhos cheios do encanto que emana de Afrodite”, sentencia: “ficará sem cabeça”. O embate entre o humano e o divino,

² Sobre o Sim dionisíaco ver: Deleuze (2018); e ainda em Nietzsche (2006).

³ Alguns historiadores defendem que a peça data de um período anterior, já que há a crença de que Eurípedes morreu no ano de 404 a.C. O que se sabe é que a peça foi encenada no Teatro de Dioniso no ano de 405 a.C.

respectivamente Penteu, rei da cidade e neto de Cadmo, e Dioniso, é a base da trama. A recusa do monarca de prestar honras ao deus faz emergir o embate (*theomaquia*): o deus resolve puni-lo: Penteu será morto por sua própria mãe (*Ágave*), depois de ser forçado a reconhecer a divindade de Dioniso. O importante para mim, neste ensaio, é a forma como Dioniso omite, cala sua identidade, silencia acerca de quem é até o momento “oportuno”, mostrando que sua posição e sua potência de ser e agir exclui essa necessidade. Ignorando com quem está lidando, Penteu manda encarcerar Dioniso e o condena à morte. No entanto, tanto o deus quanto o adivinho Tirésias avisam indiretamente que se trata de um erro, mas o tirano insiste.

Dioniso é o silêncio e a prudência. A moral cristã é, por outro lado, a algaravia paradoxalmente organizada do ocidente. A astúcia do calar acerca de sua própria identidade se constitui a partir de uma negação? Não. Para entrar na questão, é preciso comparar Dioniso a Cristo, colocá-los em relação de opostos-complementares, para que a partir da comparação com algo que o ocidente conhece bem e que vivenciamos (o cristianismo), possamos pensar outros mitos.

Assim como a serpente, o deus da Lídia aguarda a chegada do momento propício para o bote, pois seu ataque demanda o máximo de intensidade, pelo simples prazer da originalidade de ser. O Cristo capturado, por sua vez, insiste, como o fez Antígona⁴, em defender seu programa de verdade e, para isso, resistir e sofrer as consequências. O messias cristão insiste em se dizer “filho de Deus”, porque nega a toda e qualquer potencialidade estética em seu fazer. Em Dionísio e em Cristo há um sofrimento relativamente semelhante, com diferenças básicas: em Dionísio, o sofrimento afirma a vida; em Cristo, o sofrimento acusa a vida, nega a vida, demanda da vida uma justificativa. A fala é, assim, a morte do acontecimento, pois o “eu sou” é a interrupção do lance de dados que mantém a suspensão dos devires, que impossibilita a metamorfose transmodal dos estados de coisas - “a linguagem não é vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 13), diriam Deleuze e Guattari, toda palavra, sendo toda palavra, palavra de ordem, “é uma pequena sentença de morte”.

Algumas re-escrituras modernas, conscientemente ou não, replicam a estrutura narrativa em que se sustenta a relação de oposto-complementar Cristo-Dioniso. A auto-delação cristã é encontrada, nesse sentido, na violência verborrágica de Dimitri Karamazov

⁴ A história de Antígona é contada na tragédia de Sófocles (*Antígona*), em que a filha de Édipo desafia a lei tirânica de sua terra enterrando um irmão morto em combate. Ela assume a autoria da “transgressão” sem temer as consequências.

que promete fazer não fazendo, ao passo que o devir-imperceptível do silêncio está na omissão estratégica e racional de Smierdiakov, filho aberrante de um estupro animalesco⁵, filho da epilepsia, filho da demência, filho do devir-animal de Lisavieta Smierdiachtchaia⁶.

Dioniso disfarçado insiste em tentar alertar ao tirano de Tebas sobre seu erro por mais de uma vez.

PENTEU
Tenho direito de prender-te; sou mais forte.
DIONISO
Não sabes o que dizes, quem és e o que fazes!
PENTEU
Eu sou Penteu, filho de Equión e de Agave.
DIONISO
Teu nome te predestinou à desventura (EURÍPEDES, p. 2010, vv. 661-664).

A revelação do nome predestina a desventura do inimigo, faz dele um perdulário no que diz respeito ao valor do signo. Cristo se declara desde o início, aceita sua condenação, a partir da justificativa de que essa é a vontade de seu pai: “Por Deus vivo, conjuro-te que nos diga que és Cristo, o filho de Deus?”. Jesus respondeu: ‘Sim. Além disso, eu vos declaro que vereis doravante o Filho do Homem sentar-se à direita do Todo-poderoso, e voltar sobre as nuvens do céu’” (BÍBLIA SAGRADA, 2010. p. 1318). Pilatos insiste em apontar o erro à multidão, mas não é ouvido: “mas que mal fez ele? [...] sou inocente do sangue deste homem. Isto é lá convosco” (BÍBLIA SAGRADA, 2010. p. 1320).

Dioniso tem sua relação simbólica com a noite, à medida em que é silêncio e alteridade no que tange os padrões morais vigentes:

PENTEU
Celebram-se esses ritos à noite ou de dia?
DIONISO
Principalmente à noite; as trevas são sagradas (EURÍPEDES, 2010, vv. 637-638).

Cristo, ao contrário, afirma os valores do dia, ele fala, ele mostra à luz os signos. Tal é a estratégia da instauração de uma moral passiva, conforme fundada em Platão⁷ e seguida pelo cristianismo. A noite omite, o dia delata.

⁵ O devir-animal da mãe de Smierdiakov se evidencia em fragmentos como: “a um senhorzinho ocorreu de repente uma pergunta absolutamente excêntrica sobre um tema intolerável: “será que alguém, seja lá quem for, pode considerar esse bicho uma mulher [...]” (DOSTOIEVSKI, 2019, p. 133).

⁶ Ver: *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoievski.

⁷ Na tradição platônica há a afirmação da verdade enquanto valor fixo e imutável. A *aletheia*, a verdade platônica, significa “desvelar”, tirar o véu que cobre um objeto, lançando-lhe luz, iluminando-o.

Em nome da exposição de uma verdade fixa, imutável e ingênua, o ocidente cristão cria a necessidade da auto-delação, da auto-exposição, para domesticar os corpos de uma forma diferente, com novos meios. Há uma ruptura entre o ser e o parecer no pensamento cristão. Tal ruptura se evidencia também na peça (Dioniso não é o que parece e não parece ser quem é).

Hoje, na era de Cristo, há alguns Dionisos que, como pretendo mostrar, têm sido flagelados e crucificados por calar. Defendo, na análise a seguir, que a recusa da postagem nas redes sociais se configura, antes de tudo, como uma recusa do trabalho, ou ainda uma recusa da produtividade.

Os trabalhos de Dioniso na era de Cristo

Lendo um grande portal de notícias, encontrei, há alguns dias, uma matéria com o seguinte título: *O crush é low profile? Twitter discute se é bom gostar de alguém misterioso*⁸. A primeira coisa que vem à cabeça quando lemos algo do tipo é: o que é “low profile”? De acordo com a própria matéria, um “low profile” é “aquele do tipo que nem adianta stalkear: a última vez que postou alguma coisa foi em 2017”. Até aí, tudo bem, entendemos que o termo designa alguém que não tem o costume de postar (ou pelo menos aquele que não posta há um tempo relativamente longo).

É claro, esse enunciado não foi extraído de seu ambiente originário, mas de uma reportagem de um portal de notícias específico, com suas inclinações ideológicas, suas crenças e seus valores também específicos, de maneira que o dado analisado aqui sofreu um reenquadramento que a UOL (Universo Online) coloca ao publicá-lo. Esse reenquadramento concorre para a produção de sentidos, estando esse enunciado no interior do texto da UOL e na medida em que ele apenas reitera o que o próprio texto enquadrante diz, o sentido é modificado. Considero isso nas análises e esse fato é um tanto relevante para a forma como vou depreender esse enunciado. Sendo assim, vamos olhá-lo um pouco mais de perto.

O termo low profile é um empréstimo da língua inglesa, “Low” pode ser traduzido como “baixo” (“low price”: “preços baixos”; “low wage”: “salários baixos” etc.) e “Profile” por “perfil”. Quem não tem muita intimidade com a terminologia das redes poderia inclusive

⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/07/o-crush-e-low-profile-twitter-discute-se-e-bom-gostar-de-alguem-misterioso.htm>. Acesso em: 16 out. 2022.

se perguntar o que é “crush”. Ora, “crush” é uma pessoa pela qual alguém tem algum tipo de interesse afetivo, em outros termos, é uma pessoa que desperta um “amor platônico”.

As palavras não “significam” sozinhas, não têm “sentido” por si mesmas, mas, principalmente, a partir de sua relação com as outras palavras que compõem o enunciado e com o contexto em que são empregadas. Assim, podemos observar que o termo “discute”, conforme aparece no título da matéria, não corresponde ao ato de “debater”, “argumentar” ou “questionar” sobre um determinado assunto, ele designa, antes, uma prescrição, à medida em que dirá ao leitor “se é bom gostar de alguém misterioso”. Podemos inferir isso por duas razões: a primeira está no fato de que não há possibilidade de o enunciador entrar em dissenso (e sem dissenso não há discussão, argumento ou questionamento) e a segunda é indicada pelo uso do adjetivo “bom”, que instaura um julgamento, o que pode ser percebido a partir de sua posição na frase, uma vez que ele aparece depois do pronome de indeterminação “se”. Portanto, o que é colocado em questão é se “é bom” (e, portanto, se é ou não ruim) gostar de alguém que não tem o hábito de postar em suas redes sociais com a regularidade considerada “normal”.

O adjetivo “misterioso”, aparece para substituir “low profile”, em uma relação de sinonímia. De acordo com a definição do Caldas Aulete online⁹, “misterioso” é:

1. Em que há mistério; ENIGMÁTICO; INEXPLICÁVEL
2. Que a razão humana não pode explicar ou entender: O sentido misterioso de certas coisas.
3. Que se cerca de segredos; que não se expõe; ESTRANHO; SUSPEITO [+ (para) com, sobre, em: Misterioso (para) com a irmã; misterioso sobre o assunto: misterioso nas atitudes. Antôn.: insuspeito.]
4. Pouco esclarecedor, obscuro e intrigante. [Antôn.: claro, inequívoco.]
5. Conhecido apenas por pequeno número de iniciados; ESOTÉRICO; HERMÉTICO; SECRETO.

A definição 3 traz a concepção de “misterioso” que melhor pode ser aplicada a um agente humano, uma pessoa. Nela, dois termos se destacam (em caixa alta): “estranho” e “suspeito”. Um estranho é um indivíduo incompatível com o que é “normal” em uma dada configuração social, fora do comum. Uma pessoa suspeita é alguém que suscita cuidado e desconfiança, um sujeito potencialmente perigoso. Mas o que mais me interessa aqui é a definição 3, pelo motivo que se esclarecerá ao longo desta análise, é que “misterioso” também aparece na definição como: “que não se expõe”.

⁹ Disponível em: <https://www.aulete.com.br/misterioso>. Acesso em: 16 out. 2022.

Portanto, são três os elementos que mais me chamam a atenção nessa definição de “Misterioso”:

- 1) Estranho;
- 2) Suspeito;
- 3) Que não se expõe.

Tais elementos se destacam, porque são constantes no enunciado que adotei como objeto desta análise.

O locutor dá voz a vários enunciadores ao trazer tuites que abordam a temática do low profile, que aparece sempre como suspeito de algo que desvia dos padrões de normalidade. Uma das sequências enunciativas diz:

Excerto 1:

“você romantiza se envolver com low profile mas a realidade é que ser low profile te dá mais chances de fazer merda e ninguém descobrir. ser low profile não é uma estética. é um desvio de caráter” [sic] .

Cada formação histórica determina suas próprias formas de domesticar e disciplinar os corpos, determinando seus instrumentos de vigilância e de punição para os desviantes. No entanto, não existe poder sem resistência, “relações de poder não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência” (FOUCAULT, 2007, p. 106). O low profile é o sujeito caracterizado pelo mecanismo de resistência que coloca em prática. Ele cala e, ao calar, recusa o trabalho não remunerado nas redes sociais.

Um breve esclarecimento se faz necessário: nem todo low profile compõe resistência ao capitalismo de plataforma e nem toda resistência ao capitalismo de plataforma é low profile. De maneira alguma faço aqui uma apologia do silêncio, tampouco acredito que as múltiplas formas de resistência exercidas por meio das redes sociais são ilegítimas. Muito pelo contrário, fenômenos como o grande ciclo de revoltas ocorridos no mundo entre 2011 e 2013 (incluindo as Primaveras Árabes e o Occupy Wall Street) são grandes exemplos de como as redes sociais podem ser armas da multidão contra a opressão e a tirania. O que mostro aqui é simplesmente que há formas de obrigar as pessoas a exporem dados e opiniões nas redes sociais de modos que estes possam ser capturados e neutralizados, que a resistência a essa exposição tende a ser punida e que, além disso, esse fenômeno faz parte de uma relação de poder ascendente, isto é, ela começa “de baixo para cima”, a partir das camadas menos

privilegiadas. Em outros termos, não há um único low profile, mas múltiplos, e nem todos são heróis.

Ao categorizar esse tipo de resistência como um “desvio de caráter”, o enunciador atribui uma falha moral a ela. O caráter é o conjunto de traços inerentes a um indivíduo, que determina seus padrões morais. Portanto, aquele que tem um caráter desviante rompe com o padrão social aceitável a partir de comportamentos que não são mediados pela moralidade. Em outras palavras, quem tem desvio de caráter não se preocupa com o impacto de suas ações sobre as outras pessoas.

Quando o enunciador diz que “ser low profile te dá mais chances de fazer merda e ninguém descobrir”, ele afirma de maneira implícita que tudo deve ser exposto nas redes para que as condutas sejam avaliadas. Ele pressupõe que a vigilância evita a conduta desviante (“fazer merda”) e subentende que quem não se expõe nas redes não o faz por ter algo a esconder, algo a se “descobrir”. Assim, é reforçado o papel de vigilância desempenhado entre os membros da rede. Lembrando que, é claro, existem os low profile que oferecem resistência a captura da potência comunitária da linguagem, como também existem aqueles que agem com intenções que podemos classificar como “desonestas”. No entanto, é a resistência que evidenciamos aqui.

Considerando as práticas do low profile que se apresentam como uma forma de resistência, posso afirmar que já não é o panóptico da fábrica que caracteriza essa relação, mas a instauração de uma simetria entre ver e ser-visto que torna a todos simultaneamente operários e encarregados que controlam a produção.

“Tu, que de ver o que não deves tão desejoso estás,/ e o que é vedado te é solícitas, a ti falo, ó Penteu,/ sai do palácio e oferece-te a meus olhos...” (EURÍPEDES, 2010, vv. 1198 – 1191) - diz Dioniso a Penteu. A tragédia zomba da vontade de saber, os olhos do poder estão cegos diante da resistência que cala. Afinal, calar é apagar as luzes, desligar os refletores. Essa é a causa da cegueira voluntária do tirano de Tebas, que mutila os próprios olhos - de vigilante, que não mede esforços para arrancar o véu do mistério que guarda seu destino, Édipo se converte em vigiado, por intermédio de sua própria vontade de saber:

CORO:

Fala! Andas sobre o fio de uma navalha!

ÉDIPO:

Direi, já que ocultar não me é possível (SÓFOCLES, 2005, vv. 216-217).

A tragédia ensina: não há quem vigie sem ser vigiado. Quem é vigiado está sob suspeita. No entanto, em tempos de hiper-securitização, todos estão sob suspeita. A questão não é porquê nos expomos, mas por que não nos rebelamos contra a exposição, reivindicando também a exposição de quem não o faz.

A suspeita parece permear essa relação. A matéria traz diferentes tuitos que remetem a um mesmo tema:

Excerto 2:

“amiga esse homem é lowprofile pq ele tem duas famílias”

Excerto 3:

“O low profile original é o caminhoneiro com 15 famílias pelo país”

Excerto 4:

“sabe quem era low profile tbm? O cara que levou as 11 namoradas pra ver bacurau”

O que se coloca sob suspeita nos três excertos acima é a monogamia do low profile, à medida em que todos estabelecem uma relação entre não postar e se envolver em mais de um relacionamento afetivo (“duas famílias”, “15 famílias”, “11 namoradas”). A lógica que rege a suspeita está pautada em duas potencialidades:

- 1) se a se relaciona com b e c , a não pode postar nem sobre b nem sobre c , caso contrário ou b saberá da relação a/c ou c saberá da relação a/b ;
- 2) ainda que a não poste sobre b e nem sobre c , há o risco de b e c reagirem de alguma forma à postagem de a , nesse caso ou b saberia da relação a/c e/ou c saberá da relação a/b .

A linha de causalidades não tão é tão simples quanto parece, ela remete imediatamente a um importante postulado da Ética de Spinoza:

A ideia de Pedro, que constitui a essência da mente do próprio Pedro, e a ideia desse mesmo Pedro que existe em outro homem, digamos, Paulo. A primeira, com efeito, explica diretamente a essência do corpo de Pedro, e não envolve a existência senão enquanto Pedro existe; a segunda, entretanto, indica mais o estado do corpo de Paulo do que a natureza de Pedro e, assim, enquanto durar o estado do corpo de Paulo, sua mente considerará Pedro como lhe estando presente, mesmo que Pedro já não exista (SPINOZA, 2013, p. 111).

A imagem que x faz de y é imagem de x e não de y. Em outras palavras, uma coisa é a ideia, baseada em minhas crenças e experiências, que faço do outro, outra coisa é imagem que esse outro projeta de si a si mesmo, segundo suas próprias experiências e crenças. A suspeita que os excertos atribuem ao low profile parece refletir uma estratégia do próprio enunciador.

Além disso, há uma correlação moral entre o low profile e a ruptura com a monogamia. De acordo com Engels, a família moderna se constrói a partir de um modelo de escravidão que reflete a estrutura estatal, dessa forma, ela evidencia a “transição do casamento do par para a monogamia. A fim de assegurar a fidelidade da mulher e, portanto, a paternidade dos filhos/filhas, a mulher é submetida incondicionalmente ao poder do homem: quando ele a mata, está apenas exercendo seu direito” (ENGELS, 2019, p. 64). O que se reforça é a reivindicação do corpo como propriedade privada. É movido pela mesma preocupação que Penteu cai no erro de perseguir Dioniso, o rei de Tebas diz a Cadmo e Tirésias:

Estive ausente da cidade e me falaram
sobre o novo flagelo que perturba Tebas:

a deserção dos lares por nossas mulheres,
sua partida súbita para aderirem
a pretensos mistérios, sua permanência
na floresta sombria só para exaltarem
com suas danças uma nova divindade

— um tal Diôniso, seja ele quem for.
Taças cheias de vinho, segundo os relatos,
circulam incessantemente entre esses grupos.
Vindas de todos os lugares, as mulheres
procuram os recantos menos acessíveis

para proporcionarem prazeres aos homens (EURÍPEDES, 2010, vv. 274-286).

O low profile é esse mesmo que, como diz Penteu:

[...] está tentando
as nossas virgens com um ótimo atrativo:
o furor de seus ritos!

Ao que o excerto 1, por sua vez, lamenta: “você romantizam se envolver com low profile”.

A preservação da monogamia é parte de um dispositivo que transforma os corpos em propriedade privada. Cabe ressaltar que, no período capitalista, a mulher tem sido mero instrumento de reprodução, do qual se extrai mais-valia reprodutiva¹⁰. Em outros termos, a mulher se resume a um útero capaz de gerar produtos: os novos trabalhadores (materiais ou imateriais) que continuarão alimentando as relações de poder. “Nessa armadilha cairão nossas mulheres” (ÉSQUILO, 2010, v. 639) – pragueja Penteu. Ao preservar a monogamia, preserva-se, assim, o controle da produção. Cabe lembrar que já no século XIX, o artigo 252 do código criminal brasileiro de 1830, dava ao marido o terrível direito de matar a esposa em caso de adultério, trata-se do reflexo da lógica necropolítica pela qual o ocidente moderno forja a dominação, a exploração, a vida e a morte do corpo feminino: “[...] digam de mim que sou um honorável assassino, se assim preferirem; pois eu nada fiz por ódio, eu tudo fiz por honra”, dizia o ciumento Otelo de Shakespeare (SHAKESPEARE, 2011, p. 150), na peça que data de 1640. Um dos grandes massacres que mancham de sangue a história ocorreu na caça às bruxas do século XVIII, em que, sob as mais absurdas acusações, assassinou por volta 50 mil vítimas, das quais 75% eram mulheres (FEDERICI, 2016).

Sim, minha linha defende que o low profile, quando adota uma resistência como a que é denunciada em alguns excertos, sendo não monogâmico resiste ao capital. Sendo assim, o leitor pode ter a impressão de que parto em defesa de que isso só vale para o homem e não para a mulher. Afinal, é apenas do homem que se fala nos enunciados em análise. Não estaria a mulher sendo igualmente explorada nesse novo formato? Se aceitaria da mulher a não monogamia e o low profile? Em relação a essas questões, esclareço aqui que o fato de o homem ocupar uma posição de protagonismo em relação às práticas que caracterizam a figura do low profile é um produto do recorte feito pela UOL na escrita da matéria. As escolhas analisadas não minhas, mas de um enunciador ligado a um grande veículo midiático com seu próprio conjunto de valores e crenças.

Ser-para, “usuário” não, “instrumento”

Como podemos ver, a estranheza e a suspeita derivam do fato de que o chamado low profile não se expõe. Ele despreza o utilitarismo, prezando pela ética e pelo cuidado de si, ele

¹⁰ De acordo com Federici (2016), o controle sobre o corpo feminino se intensificou consideravelmente a partir da transição para o capitalismo na Europa. Segundo a autora é nesse período, mais ou menos a partir da segunda metade do século XV, que a mulher passou a ser escravizada e tratada como mero instrumento reprodutivo.

nega a captura do próprio corpo pela cultura, nega a produtividade capitalista vigente em sua época, resistindo ao utilitarismo que gere e rege as novas formas de vida social pautadas na servidão. Hoje se diz “vocês romantizam low profile” como antes se diria “vocês romantizam vagabundos”.

Não postar é estar, em certo sentido, fora do sistema de produção forjado pelas redes sociais. É claro que aquilo que é produzido nas redes afeta a vida de todos, mas a recusa da produção é uma recusa de alimentar o sistema produtivo. Se antes os trabalhadores apenas vendiam sua força de trabalho em troca de salário, hoje doam seu tempo, sua competência linguística e sua coesão comunitária e possibilitam que extraiam de si mais-valia sem que para isso receba sequer 1 centavo. É claro que o fato de eu não postar em meu próprio perfil não significa que não produzo, que a plataforma não extraia mais-valia de minha potência de coesão e emissão de signos, afinal, posso comentar e reagir às postagens alheias, o que também gera dados capturáveis. O que defende é simplesmente que, por qualquer razão, se recuse ou não se encaixe nessa cadeia produtiva é marginalizado a ponto de ter vedadas, em um âmbito social, suas relações afetivas.

Cabe lembrar que o trabalho dos “usuários” das redes sociais é um trabalho que se baseia na exposição dos afetos e da subjetividade. Ou seja, as trabalhadoras e trabalhadores devem transformar seus próprios afetos e sua própria subjetividade em um produto. Subjetividades e afetos esses que devem ser expostos a partir de ditames e estruturas disciplinares específicas: vendem-se formas de vida. Nós, os vendedores, usamos uma máscara, que esconde o trabalho envolvido. Esse trabalho é mecânico, alienante, mensurado e quantificado. Isso é visto logo na introdução de nosso objeto de análise, na qual o locutor chega a mensurar e quantificar, a partir de números, o que é um low profile: “há quem romantize encontrar aquele *crush* com menos de duzentos seguidores em uma conta fechada do Instagram. Aquele do tipo que nem adianta *stalkear*: a última vez que postou alguma coisa foi em 2017”. Não se trata, portanto, de uma construção do comum a partir de uma rede coesa, mas da captura de uma coesão que é capaz de construir o comum.

É exposto, assim, o novo arranjo ontológico que rege as relações sociais. O ser, isto é, aquilo que o sujeito é já não é o ser-com (ser-com-o(s)-outro(s)), como o termo “rede social” sugere, tampouco é o ser-em (ser-no-mundo, ser-na-rede etc.). Esse ser é o ser-para. O modo de ser do sujeito contemporâneo é o modo de ser do instrumento. Se o instrumento do agricultor é a enxada ou o podão e o instrumento do violonista é o violão, o instrumento do capitalismo cognitivo em sua atual forma é o próprio ser, ou, ainda, a subjetividade e os afetos do ser. No entanto, como lembra Heidegger, “um instrumento nunca é”, já que “um

instrumento só pode ser o que é num todo instrumental que sempre pertence a seu ser [...] todo instrumento é ‘algo para’” (HEIDEGGER, 2015, p. 116). Ora, esse conjunto é o conjunto de traços subjetivos e afetos que constituem um sujeito como ser.

A recusa da exposição desse conjunto de traços e afetos pode ser confundida como a ausência de traços e afetos, como podemos ver em um dos tuites evocados na matéria:

Excerto 5:

“amiga ele não é lowprofile nem misterioso ele só não tem nada interessante a dizer mesmo”

O enunciador se dirige diretamente ao enunciatário, usando o termo “amiga”, gerando um efeito de proximidade e confiança. Logo em seguida há a negação: “ele não é lowprofile nem misterioso” – o que se nega são duas características que poderiam ser associadas ao sujeito do enunciado em questão, indicando que ele não tem nenhum desses dois atributos. A conjunção coordenativa “nem” é utilizada para indicar a exclusão de duas alternativas, afinal, uma das duas poderia representar algum atrativo, o que não é caso. Já que, logo em seguida, o enunciador apresenta uma avaliação: “ele só não tem nada interessante a dizer mesmo” - afirmando que o sujeito (“ele”) não tem a competência de comunicação que normalmente é valorizada pela sociedade ou pelas plataformas. Dessa forma, o enunciado funciona como uma crítica explícita à habilidade do sujeito em questão de comunicar ideias e pensamentos de forma interessante e envolvente. A estrutura sintática do enunciado é composta por uma negação seguida de uma expressão que indica a falta de conteúdo interessante (“nada interessante a dizer”). O advérbio “só” não sugere que essa é a única competência que lhe falta, mas que a causa pela qual o sujeito não posta em suas redes é mais simples do que se espera, reforçando a avaliação negativa de sua competência linguística. O advérbio “mesmo” no final da frase funciona como uma ênfase dessa avaliação, sugerindo que a falta de conteúdo interessante é realmente significativa.

Cabe ainda notar que a sintaxe discursiva do enunciado é marcada por um padrão de negação, em que o enunciador nega duas características que poderiam ser associadas ao sujeito do enunciado (“low profile” e “misterioso”), antes de apresentar sua avaliação pessoal sobre ele. Essa estrutura sugere que o enunciador busca esclarecer uma impressão equivocada ou um estereótipo que possa estar associado ao sujeito em questão. A escolha de palavras também é significativa, já que o enunciador faz uso de expressões que podem ser interpretadas como negativas (“não é”, “não tem nada de interessante”), reforçando sua

avaliação crítica e desfavorável. Além disso, a estrutura do enunciado também indica uma justificativa, por parte do enunciador, de uma opinião subjetiva, sugerindo que está ciente de que outras pessoas podem ter uma avaliação diferente.

Nesse excerto, nega-se o mistério e a categorização do sujeito como um low profile. Ao dizer “ele não é”, o enunciador nega a própria condição ontológica do sujeito do enunciado enquanto “ser”. Afinal, o “ser” é aquele que “é”. Ele tem essa condição retirada de si, “porque” não tem “nada de interessante a dizer”. O advérbio “nada”, ou seja, a ausência de qualquer coisa que seja, dirige-se diretamente ao adjetivo “interessante”, aquilo que desperta interesse no outro. Sendo assim, na concepção do enunciador, ele nada diz por falta de uma competência de dizer algo que seja relevante. Não ser relevante é, nesse caso, não ser um instrumento, ou antes um conjunto instrumental eficaz.

O agricultor faz uso da roçadeira para roçar. O falante faz uso da fala para falar. No entanto, o ato de roçar ignora o caráter instrumental da roçadeira, no sentido de que é o ato de roçar que descobre, por si mesmo, a forma de manusear a roçadeira. Da mesma forma, é no ato de falar (e, por consequência de seu compartilhamento no interior de uma comunidade) que o sujeito falante descobre a forma de mobilizar a linguagem. Quanto menor é a atenção que damos à linguagem como um instrumento pragmático (em grego, *pragmata*, é uma “coisa” da qual fazemos uso), mais ela define o nosso ser, na medida em que me torno passivo.

Por isso, não é a linguagem que serve ao homem, mas é o homem quem serve à linguagem. A linguagem não apenas gera efeitos, como consuma, produz a totalidade das coisas. “As palavras, que são a base da linguagem, não exprimem uma coisa que existiria fora delas”, explica Buber, “mas, uma vez ditas, fundam uma existência” (BUBER, 1969, p. 50-51). E aquilo que é produzido ou “consumado” passa a ser. Retomo aqui a célebre máxima heideggeriana: “a linguagem é a casa do Ser” e “nesta habitação do Ser mora o homem” (HEIDEGGER, 2005, p. 85). Se a linguagem é o principal elemento de coesão social é porque falamos a partir da sociedade (da comunidade linguística) na qual nos inserimos, é a fala que nos atravessa para se realizar e se fazer comum através de nós e não nós que simplesmente a falamos. Nesse sentido, nenhum de nós tem algo a dizer. Nos expressamos tão somente quando nos tornamos correspondentes à linguagem.

Somos ingênuos quando acreditamos ser senhores dos signos que nos atravessam. “Quando faço uma palavra trabalhar tanto assim”, disse o tolo Humpty Dumpty à esperta Alice, “sempre lhe pago um adicional” (CARROL, 2010, p. 258). Essa ingenuidade é consequência do fato de que “o homem se comporta como se fosse o criador e o mestre da

linguagem, enquanto é esta que o governa” (HEIDEGGER, 1996, p. 172). É a linguagem que cria o homem, ela é a mãe das subjetividades e é filha da própria linguagem.

Alimentar nossos perfis nas redes é munir o poder de informações. “O silêncio poderá salvar-te” (SÊNECA, 1973, vv. 157) – diz a sábia ama a impetuosa Medeia.

Hardt e Negri lembram que os governos repressivos costumam limitar o acesso a alguns sites, blogs e até mesmo páginas pessoais de redes sociais. No entanto, eles também nos mostram que devemos nos preocupar mais com o contrário, isto é, com o fato de que “os atuais sujeitos mediatizados sofrem do problema oposto, sufocados pelo excesso de informação, comunicação e expressão” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 27). Afinal, “as tecnologias de comunicação são progressivamente centrais para todos os tipos de práticas produtivas e são decisivas para todos os tipos de cooperação necessários para a atual produção biopolítica” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 29). Com nossos smartphones, os pequenos padrões de bolso, trabalhamos sempre, não importa onde estamos, você costuma fotografar e postar seus momentos de diversão? Quando você vê algo bonito ou impressionante, sua primeira reação é fotografar para postar ou curtir o momento? Trabalho e vida se misturam cada vez mais, até se tornarem indissociáveis nos padrões de normalidade atuais, caso contrário, você é um “low profile”.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: editora Ave-Maria, 2010.

BUBER, Martin. **Je et Tu.** Paris: Aubier, 1969.

CARROL, Lewis. **Alice no país das maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia - vol. 2.** São Paulo: editora 34, 2011.

DOSTOIEVSKI, F. **Os Irmãos Karamazov.** São Paulo: editora 34, 2019.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, do Estado e da propriedade privada.** São Paulo: Boitempo, 2019.

ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

EURÍPEDES. **As Bacantes.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FEDERICI, Sílvia. **O calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: editora elefante, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Declaração: isto não é um manifesto**. São Paulo: n-1, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. A linguagem e o ser. In: HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. Bâtir-Habiter-Penser. In: HEIDEGGER, M. **Essais et conférences**. Paris: Gallimard, 1996.

SÊNECA, Lucio Aneu. Medeia. In: Vários autores. In: **Os Pensadores V**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973.

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Otelo, o mouro de Veneza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SÓFOCLES. **Édipo em Colono**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Recebido em: 5 de maio de 2023
Aceito em: 11 de outubro de 2023